

MEMÓRIAS, SUBJETIVIDADES E DIVERSIDADES CULTURAIS¹

MEMORIAS, SUBJETIVIDADES Y DIVERSIDADES CULTURALES

MEMORIES, SUBJECTIVITIES AND CULTURAL DIVERSITIES

Christian Muleka MWEWA²
Jaqueline Aparecida Martins ZARBATO³

RESUMO: O dossiê tem como proposta entrelaçar a produção de conhecimento na educação, que envolve as dimensões analíticas com base nas memórias, nas subjetividades e nas identidades dissonantes. O COVID 19 demandou outras concepções sobre as identidades individuais e coletivas mediadas por mecanismos sociais, políticos e culturais. Os textos aqui apresentados aglutinam diálogos educativos, trajetórias subjetivas objetivadas, espaços de poder, feminismos, memórias e histórias que compõem o amplo processo de práticas discursivas acerca da inclusão, do empoderamento e do enfrentamento de situações de exclusão no contexto das diversidades culturais. Argumentamos, de forma geral, que as subjetividades, como um modo de autoanulação e/ou autoconhecimento, podem ser problematizadas, tensionadas e preteridas em diferentes âmbitos da Educação. Nesse sentido, aglutinamos nesse dossiê pesquisas (ensaios como forma) que projetam diálogos sobre como as identidades e alteridades são forjadas nas práticas a partir das memórias coletivas e das subjetividades, que no contexto pandêmico, também foram coletivas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Tempos pandêmicos. Cultura. Memória.

RESUMEN: Proponemos el enlace de la producción de conocimiento en la educación que involucra dimensiones analíticas a partir de memorias, subjetividades e identidades disonantes. El COVID 19 demandó otras concepciones sobre las identidades individuales y colectivas mediadas por mecanismos sociales, políticos y culturales. Los textos aquí presentados reúnen diálogos educativos, trayectorias subjetivas objetivadas, espacios de poder, feminismos, memorias y relatos que conforman el amplio proceso de prácticas discursivas sobre inclusión, empoderamiento y enfrentamiento de situaciones de exclusión en el contexto de las diversidades culturales. Sostenemos, en general, que las subjetividades, como forma de autoanulación y/o autoconocimiento, pueden ser problematizadas, tensionadas y desatendidas en diferentes ámbitos de la Educación. En ese sentido, reunimos

¹ Agradeço à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, conforme Portaria UFMS 141/2020; o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 e apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (18/2021 – UNIVERSAL – Processo 402665/2021-0).

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas – MS – Brasil. Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado. Doutorado em Ciências da Educação (UFSC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7079-5836>. E-mail: christian.mwewa@ufms.br

³ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas – MS – Brasil. Departamento de História. Professora de História. Doutorado em História (UFSC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3183-4740>. E-mail: jaqueline.zarbato@gmail.com

en este dossier investigaciones (ensayos como forma) que proyectan diálogos sobre cómo se forjan identidades y alteridades en las prácticas desde memorias y subjetividades colectivas.

PALABRAS CLAVE: *Educación. Tiempos de pandemia. Cultura. Memoria.*

ABSTRACT: *The dossier proposes to intertwine the production of knowledge in education that involves analytical dimensions based on memories, subjectivities and dissonant identities. COVID 19 demanded other conceptions about individual and collective identities mediated by social, political and cultural mechanisms. The texts presented here bring together educational dialogues, objectified subjective trajectories, spaces of power, feminisms, memories and stories that make up the broad process of discursive practices about inclusion, empowerment and coping with situations of exclusion in the context of cultural diversities. We argue, in general, that subjectivities, as a way of self-annulment and/or self-knowledge, can be problematized, tensioned and neglected in different context of Education. In this sense, we bring together in this dossier research (essays as a form) that project dialogues about how identities and otherness are forged in practices from collective memories and subjectivities, which in the pandemic context, were also collective.*

KEYWORDS: *Education. Pandemic times. Culture. Memory.*

Introdução

O dossiê tem como proposta entrelaçar a produção de conhecimento na educação que envolve as dimensões analíticas com base nas memórias, nas subjetividades e nas identidades dissonantes. Entende-se que em diferentes espaços do saber, a memória como forma e conteúdo, forma e (re)forma identidades para alteridades na panaceia dos processos de entendimento sobre as singularidades diversas dos sujeitos culturais e históricos. Na assertiva de Stuart Hall (2000, p. 7), “[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o individuo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.” Com ele concordaria Maria de Lourdes Teodoro (2015), ao evocar Georges Devereux, quando este afirma que “a identidade é igual à unicidade definida por meio de uma acumulação irreproduzível de determinações imprecisas. Cada operação que a enumera, nega-a em sua totalidade” (p. 79).

Ao analisar a trilha em que os diferentes sujeitos se impõem e se (re)inventam nas suas trajetórias percebe-se experiências que aglutinam mecanismos de existência para resistir, de incorporação das lutas coletivas que redesenham as concepções sobre as identidades com impressões e expressões coletivas nos diferentes tempos-espacos sociais e culturais.

São tempos-espacos que forjam experiências a partir das relações de poder ambivalentes que se percebe em diálogos educativos em diferentes ambientes (inclusive

hospitalar), nas trajetórias subjetivas objetivadas nos feminismos, nas memórias e histórias que compõem o amplo processo de práticas discursivas acerca da inclusão, do empoderamento e enfrentamento de situações de exclusão e/ou pseudoinclusão. As subjetividades, como um modo de sentir, de querer, de olhar, de perceber, de autoanulação, de autoconhecimento podem ser problematizadas, tensionadas e preteridas em diferentes âmbitos da Educação, pois afetam e são afetadas. Portanto, torna-se premente a discussão sobre o ser, o estar e o fazer histórico de cada sujeito social em diferentes tempos, em especial, o tempo pandêmico, como o tempo de uma experiência não mais privada, mas sim de toda humanidade.

Pode-se dizer que a projeção de discursos ou suas análises são prementes em tempos de incerteza, pois “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mais aquilo, por que, pelo que se luta, poder do qual podemos nos apoderar, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo.” (FOUCAULT, 1996, p. 10-11)

Compreende-se o tempo de incerteza como o tempo presente, que impacta as relações em todas as esferas: históricas, educacionais, sociais e culturais. Isso porque, em 2019, o mundo foi acometido pela pandemia de SARS-COV 19, que demandou diferentes maneiras de lidarmos com as experiências subjetivas e coletivas. Formou-se uma concepção de existência social a partir do distanciamento físico e educacional que redimensionou nossas práticas cotidianas e o cuidado de si para si e em si, atravessando nossas ações educativas em diferentes âmbitos nos ditames dos logaritmos.

Refletindo sobre o processo educativo e os impactos que a pandemia SARS-COV 19 nos trouxe, perspectivamos nas linhas desse dossiê aglutinar pesquisadores e pesquisadoras que se debruçam sob investigações das permanências, das superações, das dificuldades, das estratégias, dos discursos e das memórias possíveis sobre esse tempo presente. Pode-se dizer que é um tempo de *concessão*, pois trata-se de uma crise humanitária de saúde em dimensões planetárias, ao contrário do Estado de *exceção* (nos termos de AGAMBEN, 2004) uma vez que esse se refere diretamente às crises políticas. Porém, essa *concessão* à vida gerou em alguma medida um Estado de *exceção* subjetivo, pois o Estado interveio diretamente nas individualidades de circulação social para além da promoção de programas de ajuda social. Ou seja, incorporou-se uma *exceção* no Estado de *concessão* à vida coletiva. Neste caso podemos dizer, segundo Achille Mbembe (2018, p. 9), que “a política [quando homens e mulheres são considerados sujeitos completos, capazes de autoconhecimento, autoconsciência

e autorrepresentação], portanto, é definida duplamente: um projeto de autonomia e a realização de acordo em uma coletividade mediante comunicação e reconhecimento.”

Os artigos e ensaios versam sobre concepções de possibilidades de existência em diferentes áreas de conhecimento, apresentando pesquisas, análises, diálogos educativos e culturais que se enveredam em análises potentes que nos podem possibilitar criar alicerces, memórias e experiências.

Reunimos diversos textos (12) produzidos por pesquisadores e pesquisadoras de renome nacional e internacional que abordam as questões das memórias, das subjetividades e das diversidades culturais sob óticas originais e, por que não, original no campo da educação. Agrupamos os doze artigos em três blocos, apresentados a seguir.

Conforme alerta o filósofo Theodor Adorno (2003, p. 119), naquilo que podemos chamar de novo imperativo categórico para a educação e formação, “a exigência de que Auschwitz [escravização] não se repita é a primeira de todas para a educação. [...] Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação”. Para tanto, é preciso lembrar, e por isso, a memória é imprescindível. Segundo Walter Benjamin (1994, p. 223), nas suas teses sobre o conceito de história, “somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos”. Esperamos alcançar essa redenção, também, através da memória. O primeiro bloco concerne às ‘memórias’, com artigos que transitam nas dimensões das percepções de profissionais da educação infantil frente à pandemia de covid-19 em articulação com a educação histórica no contexto da pandemia para o ensino de história. Nesse contexto faz-se importante ampliarmos as concepções sobre os espaços educativos, por exemplo, pensarmos no estado da arte das políticas de atendimento educacional em ambiente hospitalar e domiciliar no Brasil.

No bloco das ‘subjetividades’, o segundo, apresentamos o trabalho das professoras em tempos de pandemia covid-19 sob a perspectiva das problemáticas e construções da docência e do cuidar na esfera doméstica em Portugal. Essa atuação, de certa forma, está sob a gestão algorítmica da docência e educação em tempos de incerteza. Nesse sentido, faz-se necessária a reflexão do trânsito que se estabelece entre a docência presencial para a docência virtual, que engendra subjetividade na formação dos professores. Portanto, o ensino superior, nesse contexto, pode fomentar o empoderamento de certas categorias, por exemplo, o feminino. Há também o lado efêmero do contexto pandêmico, que pode indicar as (im)possibilidades da formação subjetiva, pois é um tempo que nos emudecer diante de tantas perdas coletivas e individuais. Por outro lado, torna-se patente um investimento na formação, como por

exemplo, a antirracista, para que não tenhamos que seguir, num processo de continuidade permanente, a assistir, “os índios [indígenas] massacrados, o mundo muçulmano esvaziado de si mesmo, o mundo chinês desonrado e desnaturado durante todo um século; o mundo negro desacreditado; vozes imensas apagadas para sempre [...]” (CÉSAIRE, 2010, p. 73).

Já o terceiro e último bloco apresenta textos que se dedicam às ‘diversidades culturais’, por exemplo, no contexto da imprensa, através de discursos de um tempo que ainda traz permanências de outrora explicitadas no *Jornal das moças* (1950-1960). Esse tempo de outrora pode impactar nas percepções das diversidades culturais em diferentes contextos, como exemplo, em regiões fronteiriças. Tais impactos podem ser analisados à luz da perspectiva da sociologia da infância na educação escolar, por exemplo. É preciso, conforme alerta Sarmiento (2013, p. 30), “[...] compreender as relações de mútua implicação da identidade social da infância com a diversidade dos contextos e das práticas sociais da infância.” Por outro lado, o tema das diversidades relativo às deficiências também anuncia a imprevisibilidade na construção de contextos escolares inclusivos.

Dito isto, apresentamos, a seguir, de forma sucinta, as temáticas de cada artigo, a fim de que o/a leitor/a possa apreciar de forma cíclica e não linear as diferentes abordagens sobre os temas centrais do presente dossiê, que conta, também, com textos do fluxo contínuo submetidos diretamente à revista, mas que tangenciam, em alguma medida, o tema das ‘memórias, subjetividades e diversidades culturais’.

No artigo intitulado: “**Memória e Subjetividade: A percepção de profissionais da educação infantil frente à pandemia de Covid-19**”, de autoria de Eliane Küster e Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira, as autoras traçam uma reflexão sobre os impactos da pandemia de Covid-19 em instituições públicas de Educação Infantil, em município da região metropolitana de Curitiba, PR. Analisam as narrativas dos sujeitos considerando suas subjetividades e seus espaços de poder, utilizando a perspectiva teórica da História Cultural. Percebe-se que a pesquisa analisou as diferentes subjetividades de profissionais da Educação Infantil, num espaço coletivo, por meio das memórias relativas ao momento histórico vivido.

No artigo “**Educação histórica, pandemia e ensino de história: Validação do conhecimento histórico em tempos de internet/revisionismo**”, de Rita de Cássia Gonçalves & Adriane de Quadros Sobanski, as autoras analisam as possibilidades de utilização da tecnologia no contexto da pandemia de Covid-19 e os desafios para o ensino de História, utilizando a perspectiva da Educação Histórica. Abordam que a utilização da fonte histórica foi ainda mais ampliada, já que a web contém uma infinidade de materiais que podem ser concebidos como documentos históricos, e que a utilização da internet como meio de

interação entre os diferentes sujeitos no processo de escolarização pressupôs uma relação em que a tecnologia precisou ser ressignificada devido à possibilidade de apoio, mas também pela sua influência como disseminadora de informações superficiais e céticas com relação ao conhecimento científico.

Já o artigo sob o título de **“O estado da arte das políticas de atendimento educacional em ambiente hospitalar e domiciliar no Brasil”**, de autoria de Edicléa Mascarenhas Fernandes, Jucélia Linhares Granemann de Medeiros e Helio Ferreira Orrico, traz a discussão do estado da arte das políticas educacionais brasileiras para o atendimento educacional em ambiente hospitalar e domiciliar nos contextos nacional, governamental e municipal. Os autores fundamentam-se em teóricos da filosofia, sociologia, políticas públicas e educação especial sob uma perspectiva metodológica descritiva e exploratória. Segunda as suas conclusões, verificaram-se referências descontínuas a estas modalidades nas legislações nacionais, causando invisibilidade e falta de monitoramento de dados, em contraste com estados e municípios que apresentaram planos municipais e normativas.

No artigo **“O trabalho das professoras em tempos de pandemia Covid-19: Problemáticas e construções da docência e do cuidar na esfera doméstica em Portugal”**, os autores Virgínia Baptista (IHC NOVA FCSH, Lisboa) e Paulo Marques Alves (IUL e Investigador Integrado do dinamia`cet_iscte, Lisboa), discutem as consequências para as docentes da dupla jornada em casa, acumulando o trabalho laboral e o cuidar da família, o que se insere numa lógica geral do neoliberalismo, no contexto da pandemia Covid-19. Dialoga sobre o fazer na profissão docente que conduza efetivamente à igualdade de gênero e de inclusão para a cidadania de todas as pessoas.

No artigo **“Gestão algorítmica da docência e educação em tempos de incerteza”**, de André Cechinel & Rafael Rodrigo, Mueller, os autores se propõem a discutir as memórias educativas em tempos pandêmicos a partir da análise de um fenômeno recente, a saber, o crescente controle algorítmico da docência e da educação. Analisando como a pandemia da Covid-19 contribuiu para o alinhamento entre o capitalismo atencional e sua produção e acúmulo permanente de estímulos e dados, e o espaço institucional das práticas educativas, discorrem sobre o surgimento de uma desconfortável figura para o campo da educação, o duplo ou *Doppelgänger* educacional, e a gestão algorítmica e educação.

No artigo **“Do ensino presencial ao ensino virtual: Reflexões sobre a subjetividade na formação de professores da educação física em tempos de pandemia”**, de Marcelo Braz, Sergio Moneo e Teresa Lleixá (Universidade de Barcelona), os autores discutem sobre a docência e formação de professores de Educação Física em tempo pandêmicos (covid-19) na

Espanha, refletindo sobre as estratégias metodológicas alternativas das práticas físico-deportivas, na docência presencial e na docência do semi presencial.

No artigo **“Ensino superior e o empoderamento feminino: Percursos possíveis em tempos de pandemia”**, de Jaqueline A. Martins Zarbato & Lucinéia Scremin Martins, as autoras analisam a situação das mulheres no Ensino Superior, apontando a contribuição do feminismo nas rupturas e continuidades da inclusão de gênero. Analisa a inclusão e manutenção das ações em torno das mulheres em duas instituições do centro oeste do Brasil (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e Universidade Federal de Goiás) nos tempos de pandemia de SARS-COV 19. Uma análise sobre os diálogos possíveis nos aportes teóricos acerca das ondas feministas no Brasil e no Ensino Superior, as abordagens sobre igualdade de gênero, e os exemplos da busca pela manutenção e empoderamento das mulheres no Ensino Superior no período pandêmico.

No artigo **“(Im) possibilidades da formação subjetiva: Reflexões educativas em tempos pandêmicos”**, os autores: Alex Sander da Silva, Guilherme Orestes Canarim e Silvana Mazzuquello Teixeira dialogam sobre a emergência educativa, sobretudo no que tange ao significado das possibilidades da formação subjetiva em tempos pandêmicos. É uma pesquisa qualitativa bibliográfica, com aspectos de revisão narrativa e integrativa, que versa sobre o cenário da pandemia do novo coronavírus, visando sobretudo compreender o diagnóstico das transformações sociais nesse contexto e suas implicações na situação educativa atual, e perceber de que maneira isso sinaliza algo sobre as novas configurações formativas. Fundamentando a pesquisa nas teorias de Adorno (1996, 2021), Freire (2019, 2021) e Vieira (2020), entende-se que o recrudescimento da situação educativa é sinal do avanço de um quadro mais grave e agudo globalmente estabelecido.

No artigo **“Formação para uma personalidade antirracista: Porque o racismo não nasce com a criança”**, os autores Christian Muleka Mwewa & Patrícia Ferraz de Matos abordam o racismo no contexto da formação da personalidade. Fundamenta-se nas análises sobre as relações sociais subalternizantes que inferiorizam uns indivíduos em detrimento de outros, principalmente em função do seu fenótipo. A análise do conteúdo e da forma de uma miniconferência (realizada em 2017 no Teatro Maria Matos de Lisboa) será baseada em três pressupostos: o racismo existe, não se nasce racista e é preciso apostar numa educação antirracista desde a infância.

No artigo **“Diversidades, imprensa e história(s): Discursos de um tempo que ainda permanecem (Jornal das Moças – 1950-1960)”**, as autoras Adriana Aparecida Pinto & Ana Clara Camargo Souza dialogam sobre os temas relacionados a diversidades, memórias e

produção de sentidos múltiplos, a partir da documentação de natureza impressa e periódica. Utiliza a revista *Jornal das Moças*, nas edições que circularam entre os anos de 1950 e 1960, perfazendo um total de 557 edições. Buscando perceber as formas de representação e tratamento atribuídas às mulheres no período, foram examinadas 3 seções da publicação, *Jornal da Mulher*, *Evangelho para as Mães* e *Carnet das Jovens*.

No artigo “Diversidade cultural em região fronteira: Sociologia da infância e educação escolar”, de Fernanda C. Martins Martti, Maria Luzia da Silva Santana e Natália Cristina de Oliveira, as autoras discorrem acerca dos entrelaçamentos entre sociologia da infância e educação escolar – com enfoque em regiões fronteiriças. Apresenta enfoque na construção cultural da infância, bem como sobre o lugar da educação escolar com intersecção à diversidade cultural. Sendo assim, várias formas de se vivenciar a infância coexistem, e por sua vez nem sempre são consideradas nas instituições escolares.

No artigo “A consideração da imprevisibilidade e da liberdade na construção de uma escola inclusiva”, o autor José Eduardo de Oliveira Evangelista Lanutti apresenta as bases conceituais e legais da inclusão escolar, por meio da narratividade. Dialogando sobre as experiências do autor como professor/pesquisador na fundamentação do compromisso pedagógico com a inclusão na educação brasileira, analisa como a pandemia da Covid-19 contribuiu para o alinhamento entre o capitalismo atencional e sua produção e acúmulo permanente de estímulos e dados, e o espaço institucional das práticas educativas. Que haja o compromisso pedagógico com a inclusão e que, com isso, não admitamos toda e qualquer tentativa de retrocesso diante daquilo que o Brasil já conquistou nesse sentido.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- AGAMBEN, G. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 102 p.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1 edições, 2018.

SARMENTO, M. Sociologia da Infância e a sociedade contemporânea: Desafios conceituais e praxeológicos. *In*: ENS, R. T.; GUARANHANI, M. C. **Sociologia da infância e a formação dos professores**. Curitiba: Editora Champagna, 2013.

TEODORO, M. L. **Identidades cultural e diversidade étnica**: Négritude africano-antilhana e modernismo brasileiro. 1. ed. São Paulo: Editora Scortecci, 2015.

Como referenciar este artigo

MWEWA, C. M.; ZARBATO, J. A. M. Memórias, subjetividades e diversidades culturais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. esp. 2, p. 1012-1020, jun. 2022, e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v17iesp.2.16980>

Submetido em: 28/12/2021

Revisões requeridas: 22/03/2022

Aprovado em: 09/04/2022

Publicado em: 30/06/2022

Processamento e edição: Editoria Ibero-Americana de Educação.

Revisão, formatação, padronização e tradução.